

André Manuel Moreira Correia

O Elogio do ArteFacto

Saber e Saborear o real através do Jornalismo Literário

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Orientadora: Professora Doutora Isabel Ponce de Leão

Porto, 2014

André Manuel Moreira Correia

O Elogio do ArteFacto

Saber e Saborear o real através do Jornalismo Literário

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Orientadora: Professora Doutora Isabel Ponce de Leão

Porto, 2014

O Elogio do ArteFacto

Saber e Saborear o real através do Jornalismo Literário

Eu, abaixo-assinado, atesto a originalidade deste trabalho

(André Manuel Moreira Correia)

Projecto de Graduação apresentado à
Universidade Fernando Pessoa como parte
dos requisitos para a obtenção do grau
de Licenciatura em Ciências da Comunicação.

Resumo: Este projecto de graduação, intitulado *O Elogio do Artefacto*, reflecte sobre várias questões que fazem com que a situação do jornalismo contemporâneo seja considerada crítica, apresentando um género ainda pouco conhecido como uma alternativa clara para a resolução desses mesmos problemas: o Jornalismo Literário. A actividade jornalística tem como base a linguagem, muitas vezes encarada como um simples meio. Pois bem, neste ensaio a linguagem é apresentada como finalidade. A questão da objectividade, tantas vezes tida como o santo graal do jornalismo, é também um ponto incontornável e merecedor de reflexão ao longo destas páginas. Com uma argumentação alicerçada em teóricos especializados nestas matérias, o *Elogio do Artefacto* apresenta ao longo dos diversos capítulos as alternativas que o Jornalismo Literário oferece para solucionar uma tragédia há muito anunciada, mas que está longe de ser concreta e inevitável.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Jornalismo; Literatura; Novo Jornalismo; linguagem; objectividade; *articuento*; tragédia clássica; intemporalidade; experiência sensorial; crise do jornalismo

Abstract:

The present graduation project, entitled *O Elogio do Artefacto* (The Praise of the Artefact), provides a reflection regarding many issues that are the center of what is considered to be a critical situation of contemporary journalism. Nonetheless, this study presents a not very known journalism genre as an alternative to solve this same problems: Literary Journalism. Journalistic activities are based in language, which is often seen as a mean to achieve something. However, in this research, language is considered as an ending. The issue of objectivity, often considered the Holy Grail of journalism, is a crucial and worthy of reflection matter among the following pages. Through grounded argumentation of specialized experts, within the topics of study in the present project, *O Elogio do Artefacto* displays among its chapters, the alternatives that literary journalism offers to avoid a long announced tragedy.

Keywords: Literary Journalism; Journalism; Literature; New Journalism; Objectivity; Classic Tragedy; Timelessness; Sensorial Experience; Journalism's Crisis

*A todos os nomes do mundo
que dão sentido ao meu fundo.*

Agradecimentos

*Aos meus pais,
por toda a dedicação que sempre colocaram na formação do meu ser.*

*Ao meu avô,
que sempre me acompanhou mesmo não estando.*

*Aos meus amigos de sempre,
que não preciso aqui nomear ou adjetivar pela insuficiência das palavras que posso.*

*A todos os meus professores,
pelos ensinamentos e pela confiança que sempre me transmitiram,
e em particular*

*À Prof. Doutora Isabel Ponce de Leão,
por todas as palavras de incentivo e de orientação*

e, para finalizar,

*À Dout. Ana Gabriela Nogueira,
por todo o apoio e por todas as boas conversas.*

Índice

Acto I: Prólogo

- Hybris: Desafio aos cânones do jornalismo.....9

Acto II: Episódios

- Pathos: Exploração da experiência sensorial13
 Ágon: A acutilância dos Conteúdos e da Linguagem.....18
 Ananké: O destino do jornalismo é subjectivo.....22
 Hamartía e Peripéteia: O erro e as consequências da linearidade.....26
 Anagnórisis: Reconhecimento de uma necessidade.....30

Acto III: Êxodo

- Katastrophé: Antídoto para uma tragédia anunciada.....35
 Katharsis: A purificação do sujeito enunciador.....36

- Referências Bibliográficas.....37

Anexos

- Anexo A.....41

Acto I:

Prólogo

*Os jornalistas são os trabalhadores manuais, os operários da palavra.
O jornalismo só pode ser literatura quando é apaixonado.*

Marguerite Duras

HYBRIS¹: DESAFIO AOS CÂNONES DO JORNALISMO

Vivemos na era da fugacidade. Tudo aquilo que nos rodeia e que nos é mais próximo, tudo aquilo que num determinado momento nos toca, parece ter um carácter transitório. Nada parece ser indelével. A nossa memória é actualizada a cada instante, pois essa é a forma que o homem moderno tem de evitar a sobrecarga de informação. Nunca antes estivemos tão expostos à novidade, ao decurso fatídico da realidade. Usamos o esquecimento como antídoto para a espuma dos dias. Processamos. Seleccionamos. Eliminamos. Guardamos muito pouco.

Notamos isso também e, talvez, sobretudo no jornalismo. Não podemos nunca ficar indiferentes às informações que nos chegam ainda quentes das redacções, pois isso significaria perder a centelha de humanidade que ainda possuímos. A necessidade de aceder a novos conhecimentos provoca em nós uma febre, que nos mantém aturdidos, que deveria despoletar em nós o movimento, mas que nos deixa, pelo contrário, inertes. São muito poucas as coisas que nos retiram deste entorpecimento. E qual será o motivo? Estarão os nossos sentidos esbatidos, impedindo a reacção? Ou, por outro lado, o problema serão os estímulos, a incapacidade que os conteúdos jornalísticos demonstram para deixar no público uma marca?

Estas questões são o ponto de partida para as páginas que se seguem. Este trabalho faz então a apologia de um estilo híbrido, que conjuga a força dos factos e a capacidade purificadora da arte; esse estilo é o Jornalismo Literário, também vulgarmente denominado de Jornalismo de Autor. Ele apresenta-se como um desafio aos fundamentos que, numa primeira análise, parecem ser os alicerces do jornalismo.

Muitas vezes, tendemos a considerar que a literatura conduz, invariavelmente, a universos ficcionais. Porém, a literatura consiste em narrar com arte, quer seja um enredo ficcional ou um acontecimento verídico. Em qualquer um dos casos, é essencial saber montar uma diegese que seja estimulante, que consiga cativar a atenção do leitor.

¹ Todos os capítulos deste projecto de graduação possuem nomes das partes constituintes da tragédia clássica grega. Essa nomenclatura provém de uma intrínseca ou metafórica ligação com esses mesmos termos alicerçantes do género trágico. Este capítulo introdutório recebe o nome de *Hybris*, pois ele constitui um desafio a muitos dos pré-conceitos instituídos na actividade jornalística, assim como se afirma uma proposição fundadora de tudo aquilo que será exposto posteriormente.

Por esse motivo, uma boa história deve ser fruto de um discurso coerente, mas também de um sussurro apaixonante.

Da comunicação social esperamos a objectividade, a precisão, a isenção na forma como os factos são expostos. Assim sendo, fazemos da redacção jornalística um exercício institucionalizado, que parece não poder sair das fronteiras comumente aceites, dos pré-conceitos que funcionam como arquétipos para a sua eficácia. Não obstante, informar é contar uma história a alguém que, num determinado momento, ainda a desconhece. Estamos então a dirigir-nos a criaturas e não a criações automatizadas: máquinas: ainda que muitas vezes nos comportemos como tal. Caminhamos, por ventura, enquanto espécie, para a maquinização, mas preservamos ainda alguns resquícios de humanidade.

Destarte, há que saber apelar aos sentidos, pois de nada serve ter a melhor história do mundo se formos incapazes de a redigir com originalidade. A forma e conteúdo nunca podem estar dissociados, pois os relatos de um mesmo acontecimento, quando efectuado por sujeitos distintos, levar-nos-ão sempre a diferentes interpretações. Ainda que a forma como narramos um acontecimento deva permitir ao receptor extrair livremente uma conclusão, o simples facto de estarmos a expô-lo constitui já uma proposta, um caminho possível.

Este é então o desafio que este trabalho propõe: a redacção jornalística nunca está despida de uma intenção. No entanto, torna-se importante fazer a distinção entre intenção e manipulação. Ao decidirmos se um determinado acontecimento tem valor jornalístico, por se tratar de um assunto de relevo para a sociedade, estamos já na esfera de intenção. Contudo, isso não implica que o jornalista ao redigir essa notícia, ao converter um acontecimento numa determinada narrativa, esteja a proceder a uma manipulação. Assim sendo, torna-se desde já essencial, deixar aqui claro que o Homem está e sempre estará subordinado à subjectividade. Pretende-se que o leitor, quando estiver a ler esta frase, consiga já sem dificuldade aceitar isto. Os seus olhos não são estes, que agora verificam a relevância desta frase. Quando terminar de ler todas estas páginas, que neste momento ainda não estão escritas, o significado que extrairá de todas as letras, de todas as frases, de todas as partes deste trabalho será diferente e único, levando-o assim a um conhecimento distinto daquele que outro leitor, noutras circunstâncias, poderá construir após esta leitura.

No entanto e sem ilusões, este trabalho poderá levá-lo a extrair conclusões que sejam próximas das que aqui são apresentadas, reduzindo assim o seu leque de interpretações possíveis. Neste instante, não sabemos ainda quais serão. Sabemos apenas uma coisa. Para que isso aconteça não será suficiente apresentar-lhe argumentos. Para o convencer a si, leitor exigente, será necessário embutir aqui algum engenho e alguma arte.

Esse é o propósito. Mostremos assim aos deuses da objectividade que os factos sem arte são inócuas criaturas.

Acto II:

Episódios

Narrar é criar, pois viver é apenas ser vivido.

Fernando Pessoa

PATHOS²: EXPLORAÇÃO DA EXPERIÊNCIA SENSORIAL

Uma mensagem é sempre um elemento encriptado pelo seu emissor e que só será depois convertida num significado pelo destinatário. Quando comunicamos temos então de ter em mente que estamos a dirigir-nos a alguém e não a alguma coisa. A comunicação “não é uma mera técnica de elaboração de discursos, mas a essência do processo pelo qual o homem tenta interpretar e tornar significativo, para si e para os outros, o mundo real.” (GRIMALDI, 1980: 54)

Aristóteles, na sua obra *Retórica*, apresenta três conceitos basilares para a construção de um bom discurso: o *ethos*, o *logos* e o *pathos*. A actividade jornalística, tal como a conhecemos hoje, parece reunir sobretudo os dois primeiros requisitos, que são os que ostentam a sua credibilidade junto das massas.

O primeiro, o *ethos*, tem a ver com o carácter e com os atributos do emissor de uma determinada mensagem. Factores como a credibilidade, a autoridade e a honestidade são assim fundamentais para que haja, por parte do receptor, disponibilidade intelectual para decodificar a mensagem. Estamos, então, perante um elemento legitimador, capaz de eliminar algum tipo de desconfiança em relação à novidade que o discurso apresenta. Todos os órgãos de comunicação social procuram adquirir este estatuto, pretendem sempre apresentar-se como mensageiros indubitáveis e isentos. Isso é o que distingue os jornalistas profissionais de todos aqueles que partilham conteúdos informativos num blogue, por exemplo. Estes últimos podem veicular mensagens igualmente isentas e fidedignas, mas têm uma carência de autoridade reconhecida para o fazer.

O *logos*, o conhecimento aprofundado sobre o assunto que está a ser exposto na mensagem, é outro elemento fundamental para a construção de um bom discurso. Isto requer da parte do emissor uma recolha de informações que permitam depois um processamento coerente e lúcido, pois só assim se consegue chegar a um encadeamento lógico das ideias e, dessa forma, garantir aos receptores a validade da mesma. Dos três elementos apresentados por Aristóteles, este é aquele que tem uma base mais empírica,

² O *Pathos* representa um apelo à comoção do público perante a diegese que lhe é apresentada. Prende-se com a capacidade que uma obra tem de apaixonar, através de uma exacerbação dos elementos sensoriais. Este capítulo recebe este título por constituir uma apologia a essa mesma dimensão sensitiva que o texto deve comportar, pois só dessa forma a mensagem se torna mais pungente.

pois requer um trabalho de estudo e de investigação; é um processo quase forense, se quisermos.

Posto isto, é fácil verificar que o *ethos* e o *logos* são indispensáveis para o desempenho da actividade jornalística. No entanto, serão eles suficientes? Uma narrativa deve sempre ser capaz de tocar o âmago de quem a recebe, pois só assim o receptor se consegue identificar com a situação exposta e, consequentemente, assimilar melhor os factos que lhe são apresentados. Esta ligação mais intimista que se estabelece entre a mensagem e o seu receptor é conseguida através do *pathos*. A uma correcta intelectualização, deve sempre preceder uma intensa assimilação. Um conceito é sempre o estado futuro de um estímulo, de algo que nos levou a encadear o pensamento de uma determinada forma.

Os jornalistas são muitas vezes catalogados, pela sociedade contemporânea, como os novos historiadores, aqueles que tecem diariamente a nossa memória colectiva, e, talvez por isso, acreditemos que o jornalismo e a literatura devem estar dissociados. Isso deve-se, sobretudo, ao facto de cairmos frequentemente no erro de reduzirmos a literatura à ficção. No entanto, nem toda a literatura é ficcional.

Talvez a literatura seja definível não pelo facto de ser ficcional ou «imaginativa», mas porque emprega a linguagem de uma forma peculiar. Segundo essa teoria, a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma «violência organizada contra a fala quotidiana. A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala quotidiana. (EAGLETON, 1997, cit. in Nicolato 2006)

Se analisarmos as obras dos historiadores clássicos, lá podemos encontrar fortes marcas literárias e, aí sim, até indícios de alguma ficção. A emergência da História – com Heródoto investigando a realidade através dos mitos e lendas e Tucídides fazendo o primeiro relato historiográfico de um evento recente, na História da Guerra do Peloponeso – não quer dizer que os historiadores antigos seguissem os padrões da ciência moderna, a da objectividade, pois não se separava completamente a realidade da ficção (LIMA, 2006).

Só mais tarde, com o Iluminismo e com o Renascimento, onde o conhecimento deixa de passar pelo crivo das instituições eclesiásticas, é que se torna realmente possível distinguir entre factos históricos/ científicos e ficção. Ainda assim, o jornalismo, como uma nova área de retratar e analisar a realidade, e a literatura continuaram a estar intrinsecamente ligados. Esta era também uma forma de trazer os grandes pensadores e os grandes nomes da literatura para uma função socialmente mais activa, pois a comunicação social é uma ferramenta de excelência para a construção de uma consciência cívica mais apurada. A literatura pauta-se por explorar as fundações tanto do pensamento como da linguagem e, como tal, acrescenta novas perspectivas. Por outras palavras, a realidade que o jornalismo tenta captar, pode ser desdoblada e amplificada através da literatura.

Mormente, é através das palavras que o ser humano confere significações a tudo aquilo que o rodeia. Um significado é sempre, em última análise, uma metáfora do seu significante. Este, por sua vez, é também uma metáfora criada pelos nossos olhos e pelos nossos sentidos. Mas serão eles sensores exactos? O que é a objectividade senão um dogma instituído? Eduardo Meditsch, professor e pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, na introdução que faz ao livro *Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa, Perspectivas Luso Brasileiras* (2008), refere que “a notícia é apresentada ao público como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalista para construí-la”. Assim sendo, todo o discurso é intencional e, por isso, provém de uma selecção. A realidade, ou a sensação que temos dela, é sempre determinada pela forma como relacionamos todos os estímulos e todos os acontecimentos. Para que isso aconteça, esses estímulos e esses acontecimentos têm de ser capazes de nos marcar, de permanecer na nossa memória. Tal como refere o jornalista e escritor espanhol Juan José Millás, numa entrevista concedida ao *Diario Córdoba*³,

“escribir un articuento es un ejercicio de fontanería o carpintería verbal, un trabajo de artesano que una vez acabado, se remira para ver si funciona porque, en este caso, la belleza depende en gran parte de su eficacia.” (MILLÁS, 2011)

³ A entrevista mencionada encontra-se disponível em linha:
http://www.diariocordoba.com/noticias/cultura/millas-escribir-articuento-es-acto-fontaneria-verbal_679353.html

Este *redactor*, mas acima de tudo *autor*, adquire maior relevo dentro do género jornalístico exposto neste trabalho por ter adoptado um novo termo que define a sua produção textual, que faz confluir a literatura e o jornalismo. *Articuento*, é assim que Millás define as suas reportagens, por se tratarem de artigos jornalísticos, com bases factuais portanto, mas que, contudo, incorporam técnicas provenientes da narrativa sedutora dos contos. Assim sendo, o *articuento* conta e encanta, estabelecendo um diálogo com o leitor, uma vez que não se limita a narrar-lhe um acontecimento, mas fá-lo emergir no universo representativo da acção que serve de base ao texto.

Enquanto que o jornalismo tenta acompanhar o ritmo veloz e constante das águas de um rio que nunca cessa a sua marcha para a foz, a literatura, por seu turno, tenta abrandar o decurso dessas águas, para que dessa forma possam ser contempladas, não as tornando ainda assim menos agitadas. O Jornalismo Literário, ao incorporar elementos de literariedade na produção de conteúdos jornalísticos, conduz então o leitor para uma análise mais paulatina da realidade. Até porque “demorar não significa perder tempo: quantas vezes não temos de parar para ponderar, antes de tomarmos uma decisão.” (ECO: 1994, 56)

Desta forma, o *pathos* torna-se essencial à produção textual. A elaboração de um texto surge sempre da necessidade de tornar a mensagem mais memorável e acutilante do que a sua mera verbalização poderia lograr. Um texto tem a capacidade de se tornar intemporal e permite também uma mais cuidada selecção da linguagem. Um texto não é, então, uma simples transposição de uma ideia ou de um relato para um suporte discreto, como o papel por exemplo, mas antes um intrincado processo de escolhas e de opções narrativas e sintácticas que têm como finalidade tornar o texto uma estrutura mais apelativa e que, simultaneamente, não deixe de ser eficaz.

Deste modo, percebemos que qualquer texto é sempre o resultado de um processo de ‘tecelagem’, na medida em que usa as propriedades que as palavras têm para criar uma maior envolvência. A exposição escrita de uma ideia ou de um facto é sempre uma representação, que no caso do jornalismo deve estar sempre o mais aproximada possível da realidade. Ainda assim, é uma metáfora. Uma parábola do motivo primário que suscita no seu redactor a necessidade de produzir esse conteúdo textual.

“metaphor does not provide the illusion that a particular meaning is inherently present in the world and naturally emanating from it. Metaphor instead presents the act of a mind reaching out to the world in order to create meaning, a meaning which is both dynamic and tentative, for it is a construct of active interplay between interior consciousness and external fact.

(HELLMANN: 1981, 42-43)

Independentemente do texto em causa, o seu propósito é sempre chegar ao leitor, tocá-lo e permanecer com ele. Este é um dos maiores problemas da sociedade actual, que parece ter a sua sensibilidade entorpecida. No entanto, talvez sejam os estímulos que não são os mais apropriados, ou talvez esses estímulos nem se verifiquem de todo. Para que uma mensagem perdure, o texto deve comportar elementos diferenciadores, que o realcem neste contexto actual em que novos conteúdos são veiculados a cada instante.

Ler o jornal ainda não deixou de constituir um hábito, mas também não é menos verdade que ele é encarado como algo descartável. O seu prazo de validade é efémero, servindo apenas para o leitor satisfazer o seu desejo pela novidade, descartando-o depois para o lixo ao final do dia. E isso acontece porque não há nada mais na redacção noticiosa do que a mera exposição dos factos; não existem elementos que levem alguém a reparar no nome do jornalista que assina uma determinada notícia ou que o levem a sentir a vontade de guardar o jornal, ou simplesmente um recorte do mesmo. Num cômputo geral, as notícias são redigidas segundo moldes rígidos, revistas por demasiados olhos, o que leva a uma total estandardização da forma e do conteúdo. Tudo é demasiado polido e todas as marcas autorais são esquecidas ou excluídas. A receita é sempre a mesma e o resultado é, na maioria dos casos, um bolo sem grande sabor.

Posto isto, torna-se necessário encarar de uma forma mais humanizada a actividade e a redacção jornalística. Porque as palavras têm melodia, são susceptíveis de criar ritmos e de pintar imagens na mente do leitor, mas nada disso pode ser alcançado se ao redactor lhe for amputada a sua própria forma de se expressar e criar. Ponto assente: a realidade cria-se. Todos os dias. A toda a hora.

ÁGON⁴: A ACUTILÂNCIA DOS CONTEÚDOS E DA LINGUAGEM

Tal como já foi exposto no capítulo anterior, vivemos actualmente numa era em que vários conteúdos mediáticos disputam a atenção do público contemporâneo, cada vez mais exigente mas também, simultaneamente, cada vez menos disponível para as assimilar com o tempo que elas requerem. Torna-se determinante referir que esta época, a que ainda chamamos de pós-modernismo, pela inexistência de um outro rótulo que nos caracterize, define-se sobretudo por uma descrença geral e por um desânimo colectivo em relação aos valores e verdades universais. O séc.XX ficou marcado pela morte das grandes utopias, assim como dos movimentos estéticos e sociais capazes de mobilizarem grandes massas.

O pós-modernismo pode ser encarado como uma Nova Idade Média, uma época cinzenta, onde impera uma desconfiança generalizada. Este conceito análogo é proposto por alguns autores (MINC, 1993) e reforçado pelo filósofo francês Jean-François Lyotard que reiterou a ideia de estarmos a regressar a um estado de intrínseca ligação entre a factualidade e a ficção, após a queda das grandes narrativas modernistas.

A comunicação deve ser, por isso, muito mais individualizada e, ao mesmo, impactante nos dias correntes. A sociedade contemporânea é cada vez mais passiva, mais ‘herbívora’, na medida em que já não se insurge contra praticamente nada e são muito poucas as coisas que a fazem mover. Assim sendo, é necessário que o acto comunicativo seja mais acutilante, mais ‘carnívoro’ e ‘predatório’. É preciso sair à caça do público.

No Japão, a título ilustrativo, uma nova classe social emerge: os ‘herbívoros’. É constituída, sobretudo, por jovens que adoptam uma postura passiva perante o contexto envolvente, com graves lacunas ao nível da relação interpessoal, assim como abnegam qualquer tipo de envolvimento sexual. No entanto, este não é um fenómeno localizado, uma vez que na contemporaneidade o Homem se torna cada vez mais numa espécie

⁴ Este capítulo denomina-se Ágon pelo seu arrojo e por se afirmar, em relação a todas as outras partes constitutivas deste trabalho, como o mais conflituoso, aquele que pode e tem como intenção abalar alguns dogmas que imperam dentro da actividade jornalística. Assume um carácter *bético*, *carnívoro* e *predatório*, que constituem termos-chave dentro da sua própria exposição.

entorpecida, desprovida de força. Posto isto, é necessário recuperar essa força, fazer despertar o ser humano para a importância do gesto, pois sem ele tornamo-nos em meros “cadáveres adiados que procriam”. Ou nem isso.

Numa era em que todas as ideologias são olhadas com descrença, o que aqui é proposto não é devolver o discurso jornalístico ao registo ideológico e propagandístico, mas recuperar a força do idealismo. O conflito é o que faz mover o ser humano e, para isso, é preciso fazer com que ele se debata interiormente; é necessário beliscar as massas e adoptar uma forma de comunicar que comporte uma energia cinética, extraíndo-lhe todos os sinais de energia estática e paralisante. Da acção espera-se sempre uma reacção, assim é a natureza primitiva de todos os seres.

Do Jornalismo Literário – ou Jornalismo de Autor, como muitas vezes é designado – espera-se que venha acrescentar essa capacidade de romper com a rigidez automatizada dos cânones jornalísticos, em que só há lugar para a descrição desprovida de qualquer elemento cinético que seja capaz de constituir um estímulo. O texto jornalístico pode, assim, adquirir uma dimensão estética, capaz de causar um estranhamento mas também de vincar um estilo (WOLFE, 2005).

Estamos assim perante um estilo híbrido: um Novo Realismo, se quisermos, que se distancia do neo-realismo por não carregar um carácter tão ideológico, afecto às causas e objectivos políticos de esquerda. O novo realismo baseia-se justamente na “indefinição entre realidade e ficção, arte e não-arte, obra e produto. Num reflexo do brutal rompimento de todas as barreiras e protecções, ele se identifica primordialmente com a questão da violência. (...) É à violência (...) que o escritor contemporâneo se sentirá obrigado a recorrer quando quiser discutir as questões relevantes do presente e buscar um efeito de realidade” (COSTA, 2005: 298).

Desta mesma forma, o jornalista transpõe sem medo a fronteira da objectividade niilista, que lhe amputa o carácter social do qual um redactor não se deve nunca imiscuir. Ter uma voz e um timbre próprio não significa, *per se*, que o jornalista seja menos sério na exposição que faz dos factos, porque nenhum facto está imune à interpretação e esta, por sua vez, é uma característica que define e singulariza o ser humano. A objectividade é a banalização das coisas. “A transgressão, a exageração e a dissociação, tornaram-se

aspectos decisivos de nosso laço social ordinário” (DUNKER, 2010: 4) Nada é totalmente preto ou branco. Pelo meio, existem várias tonalidades de cinzento e cabe ao interpretante, com os seus próprios processos e gestos, definir o *degradé* do seu discurso.

Assim, o que se pretende não é uma ‘sacralização’ da figura do autor ou Autor-Deus, que para Roland Barthes, como defende em *A Morte do Autor*, deve dar lugar à emergência do *scriptor*, um agente mais imparcial e desinteressado em relação à sua obra.

“O Autor alimenta o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive com ele; tem com ele a mesma relação de antecedência que um pai mantém com o seu filho. Exactamente ao contrário, o scriptor moderno nasce ao mesmo tempo que o seu texto; não está de modo algum provido de um ser que precederia ou excederia a sua escrita, não é de modo algum o sujeito de que o seu livro seria o predicado; não existe outro tempo para além do da enunciação, e todo o texto é escrito eternamente aqui e agora.” (BARTHES: 2004, 3)

No entanto, o que aqui é proposto trata-se simplesmente do reconhecimento de que o ser humano é um ser, por natureza, expressivo e negar-lhe essa mesma capacidade é retirar aos seus processos comunicativos uma boa parte da sua eficácia.

A comunicação tem sempre, em si, embutida uma função fática e metacomunicacional. O seu objectivo é sempre estimular e gerar mais comunicação, para que esta cadeia de informações que sustentam a existência humana continue a ser alimentada. Para que isso aconteça, a comunicação não deve ser linear e fechada, mas sim aberta e estimulante para que o receptor, após a apreender o seu conteúdo, seja ele próprio capaz de gerar processos intelectuais e, consequentemente, comunicativos.

Comunicar é, então, adoptar uma postura de ataque, ao passo de uma atitude defensiva perante os factos que se encontram à disposição. Há que saber ‘manusear’ esses recursos com mestria, pois só dessa forma a mensagem fica mais calibrada para assim poder tocar o seu destinatário com precisão. Não se trata de forçar o leitor a adoptar

uma determinada perspectiva, mas sim de o confrontar com um elemento suficientemente enérgico que o leve a uma reacção.

O mundo é um signo polissémico, onde várias narrativas e interpretações do mesmo convivem. Raramente de forma pacífica. Um texto constrói, segundo o que teorizou Umberto Eco na sua *Obra Aberta*,

“um mundo que inclui miríades de acontecimentos e personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Antes sugere e pede ao leitor que preencha uma série de lacunas. (...) O problema que não seria, se um texto tivesse de dizer tudo o que o seu destinatário deve compreender – nunca mais chegaria ao fim.”

(ECO: 1994, 9)

O jornalismo não deve nunca esquecer o seu lado lúdico e cívico. A sua função é, antes de mais, fomentar o debate e a reflexão, ao passo de fornecer conteúdos fechados e desprovidos de uma voz sedutora que assumam como efémeros souvenirs para um público cada vez mais entorpecido. O texto deve sempre ter um carácter bélico, na medida em que deve ser capaz de abalar o seu destinatário, para dessa forma lhe provocar uma reacção. O jornalismo não pode mais ficar confinado aos limites da cerca da mera descrição, que definha todo um universo de variáveis e significados; ele deve constituir um espaço onde «cada qual pode traçar o seu próprio percurso e decidir ir para a esquerda ou para a direita de uma certa árvore e fazer uma escolha a cada árvore que se lhe depara», como preconizou Umberto Eco acerca do texto narrativo.

A realidade é uma batalha em campo aberto, onde todos os dias novos significados emergem e outros são destituídos. Ao leitor não lhe cabe apenas a tarefa de assistir passivamente a tudo. Deve, por outro lado, participar de forma activa nesta construção da realidade e, através dos *ecos* mediáticos que o despertam para esse experiência inevitável do real, gerar ele próprio a sua própria consciência e a sua voz cívica que o definem enquanto homem moderno e democrático.

ANANKÉ: O DESTINO DO JORNALISMO É SUBJECTIVO

O destino trágico de qualquer jornal parece, assim, ser a sua invalidez pública assim que o dia termina, no caso das publicações diárias. Estamos então perante um ciclo de vida bastante efémero, sendo que o jornal serve apenas para cumprir uma função pontual e momentânea: informar. O Jornalismo Literário assume-se como uma óptima forma de contrariar esta tendência, ao apresentar narrativas mais densas, onde as personagens e todos os restantes elementos diegéticos são melhor ‘esculpidos’. Tal como explica o investigador brasileiro Felipe Pena, no seu ensaio intitulado *O Jornalismo Literário como género e conceito*,

“Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efémera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objectivo aqui é a permanência. (...) Para isso, é preciso fazer uma construção sistémica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação.” (PENA, 2006: 8)

Raramente o público sente o desejo ou a necessidade de guardar um jornal, isto porque no dia seguinte chegará um outro, com conteúdos actualizados e outros totalmente novos. “A reputação do diário ergueu-se sobre a sua fidelidade ao “facto”, a que objectivamente se reconhece interesse geral”, tal como afirma García González (1999: 98), fazendo com que as notícias se destaquem apenas pelo seu carácter anunciador. Desta forma, os jornalistas, subjugados às imposições e às directrizes editoriais, acabam por descrever o novo, mas, no entanto, com formas velhas e gastas.

Como alternativa a esta triste sina dos jornais, surge, por volta da década de sessenta do séc.XX, o Novo Jornalismo, tendo como raízes “não só a literatura de viagens mas também a obra impressiva mas realista de escritores como Orwell.” (SOUZA, 2008:70) Tal como explica Jorge Pedro Sousa, professor e investigador na Universidade Fernando Pessoa, “o movimento do Novo Jornalismo surge como uma tentativa de retoma do jornalismo aprofundado de investigação por parte dos jornalistas e escritores que desconfiavam das fontes informativas tradicionais e se sentiam descontentes com as rotinas do jornalismo, mormente com as limitações estilísticas e funcionais.” (SOUZA, 2008: 70). Com estas mudanças trazidas por este movimento, o jornalismo tornou-se

mais “sedutor” e “ameno”, libertando-se assim das correntes da mera e fria componente descritiva, passando a incorporar uma vertente mais analítica e estética. Tudo isto propicia uma maior envolvência com o público, fazendo com que os conteúdos jornalísticos, não deixando de conter a sua preponderância na assimilação que o público faz da actualidade, passem também a ser elementos culturais, merecedores portanto de serem guardados e revisitados. A notícia cede assim o seu trono à reportagem, que passa o ser o género jornalístico de excelência e aquele que é mais atractivo, tanto para o público como para os próprios jornalistas, que encontram neste novo género uma forma de incluírem as suas próprias marcas estilísticas e identitárias.

Este movimento que começou nos Estados Unidos, com jornalistas-escritores como Truman Capote, Tom Wolfe ou Gay Talese, alastrou-se posteriormente também para a Europa. Com isto surge também um novo conceito, o de *livro-reportagem*, ou *articulentos* tomando a conceptualização inaugurada por Millás, que encontram o seu espaço sobretudo em revistas especializadas e de carácter investigativo. No caso dos *articulentos* de Juan José Millás, essas reportagens de cariz literário são publicadas frequentemente num jornal diário e de referência espanhol, o *El País*. Para que o leitor possa perceber um pouco melhor aquilo em que consiste então esta mescla entre o artigo e o conto, é disponibilizado em anexo um exemplo deste mesmo género híbrido, da autoria deste jornalista e escritor espanhol. (consultar ANEXO A, pág. 41)

Eduardo Belo, autor da obra *Livro-reportagem* (2006) tendo como objecto de análise este género emergente, em particular a obra *A Sangue Frio*, da autoria de Truman Capote, reforça a ideia de que o jornalismo deve sempre ter como a base o real, incluindo também a interpretação inerente e inevitável à condição humana. Quando em 1965 Truman Capote denominou o seu *A sangue frio* de “romance de não-ficção” acabou sem querer estabelecendo uma distinção importante. «Nem toda a não-ficção é jornalismo, mas todo o jornalismo tem de ser, por princípio, não-ficcional. (...) O que prevalece na comunicação jornalística do mundo ocidental de hoje é um pendor muito grande pela verdade, mesmo com toda a livre interpretação dos factos» (BELO, 2006: 43).

Na senda do Novo Jornalismo, acabaram por emergir novos géneros jornalísticos, formas híbridas e combinatórias, como o **jornalismo informativo de criação**, que faz

confluir a apresentação estilística dos conteúdos, alicerçada no humor, na ironia e na própria criação literária. (SOUZA, 2008). Este processo pode ser bem ilustrado se recorremos às seguintes palavras de Walter Benjamin (1996), em que o autor alemão afirma que “a narrativa (...) não está interessada em transmitir o ‘puro em-si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (205)

É certo que o jornalista não deve ter a ambição de sobressair e, dessa forma, manipular o seu próprio processo de redacção, tornando-o demasiado intrincado, apenas para alcançar uma maior notoriedade junto do público. Contudo, não deve também anular a sua *psique*, pois só dessa forma estará a ser totalmente transparente com o leitor, não o tentando convencer de que o conteúdo por si produzido constitui uma fotografia incontestável da realidade. As máquinas captam fotografias, o Homem concebe retratos. No entanto, um retrato em nada perde para uma fotografia, que tantas vezes acabámos por esquecer. Quando feito com arte, um retrato é inolvidável. Ao contemplarmos um retrato sabemos que não estamos perante uma realidade; não nos iludimos, portanto. O mesmo não acontece quando observamos uma fotografia, que friamente simboliza um determinado tempo e um determinado contexto, mas sem qualquer essência. Uma fotografia entorpece, um retrato fascina, despertando dessa forma o sujeito contemplativo e transformando-o num sujeito activo que, em cada observação que fará desse mesmo retrato, (re)descobrirá novos significados.

Uma aliança entre o Jornalismo e a Literatura é, assim, uma forma de combater a simples hierarquização das notícias, que se sobrepõem e invalidam aquelas que as precederam. Desse modo, um jornal da *véspera* continua a manter-se fresco, porque os seus conteúdos constituem mais do que actualizações momentâneas. Tomando as palavras de Roland Barthes (2004), no seu ensaio *A Morte do Autor*, o texto é um “tecido”, “um espaço de dimensões múltiplas”, proveniente “de mil focos da cultura”.

Talvez o público e o próprio meio jornalístico não esteja ainda propriamente preparado para aceitar esta inclusão de novas técnicas, entre as quais as literárias, na produção jornalística, pois isso significa a queda de um dos maiores dogmas que o jornalismo burguês fez emergir: a objectividade do discurso. Para Norman Mailer, escritor norte-

americano e um dos percursores do Jornalismo Literário, “o público moderno, habituado às auto-estradas, põe de lado a leitura ao menor sinal de contratempo e volta-se para a televisão. Por isso, um romancista moderno deve pedir desculpa, deve até desculpar-se profusamente, pelo atrevimento de abandonar o fio da sua narrativa; deve, de facto, absolver-se da acusação de que empregou um estratagema, deve pretextar a necessidade.” (MAILER, 1968: 151)

Tal como foi já abordado no capítulo anterior, o público contemporâneo caracteriza-se por adoptar uma postura muito mais passiva, uma vez que é ‘bombardeado’ segundo-a-segundo com novos conteúdos. O tempo que o leitor despende é cada vez mais escasso, a sua atenção pode facilmente ser desviada para outros conteúdos mais espectaculares e que aparecam ser, aos olhos do público, mais frescos e estimulantes.

Para contornar isto, esta *ananké*, o jornalismo de imprensa tem também de se reajustar e de incorporar novas técnicas, que permitam criar uma comunicação mais eficaz e humanizada com o público, afastando-se dos cânones rígidos e tornando-se assim mais orgânico, um ‘tecido’ de células, uma pele mais apelativa para um corpo de factos. “O jornalista passa a ser encarado como um intérprete activo da realidade, enquanto o jornalismo se perspectiva como um fenómeno da mente e da linguagem. Mesmo se o acontecimento continua a ser o principal referente do discurso jornalístico, passa, porém, a ser a perspectiva do jornalista, impressionista e subjectiva”. (SOUSA, 2008: 70)

Frequentemente consideramos que a objectividade e a subjectividade são conceitos antagónicos, mas, segundo Felipe Pena, como afirma no ensaio *A Teoria do Jornalismo no Brasil – Após 1950*⁵, (2008: 170), a objectividade não nega a subjectividade, reconhece, sim, “a sua inevitabilidade”. Posto isto, o que o Novo Jornalismo e o Jornalismo Literário fazem não é levar a produção noticiosa para o campo da ficção, mas sobretudo humanizarem a sua actividade, produzindo conteúdos que deixam de ser descartáveis no final de cada dia e passam a ser, como qualquer outro elemento cultural, objectos de desejo.

⁵ Este ensaio é também parte integrante da obra *Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa, Perspectivas Luso Brasileiras*, organizado por Jorge Pedro Sousa e publicada em 2008, pela Edições Universidade Fernando Pessoa.

HAMARTIA E PERIPÉTEIA⁶: O ERRO E AS CONSEQUÊNCIAS DA LINEARIDADE

Vivemos num mundo dominado pelas ciências exactas, onde a mentalidade empírica impera e parece assumir-se como o único caminho para o conhecimento. O nosso pensamento sustenta-se em números e em evidências. Tudo aquilo que não pode ser facilmente demonstrado, de forma clarividente, é rejeitado ou olhado com desconfiança. E talvez seja aí que reside o erro, porque as evidências não fomentam o debate e não estimulam um pensamento democrático e livre de dogmas.

Quando um jornalista apresenta factos, números, probabilidades que sirvam de alicerce à sua narrativa, ele está, na verdade, a proceder a um processo de selecção. Ele apresenta ao público apenas aquilo que reforça a crença e o ponto de vista que, de antemão, já possuía. O contraditório é vulgarmente posto de parte. Em 1930, William Laurance, jornalista do *New York Times*, disse que como “verdadeiros descendentes de Prometeu, os escritores de ciência pegam o fogo do Olimpo científico – os laboratórios e as universidades – e de lá o trazem para baixo, para o povo”⁷.

Qualquer estrutura diegética, sendo que o jornalismo também se serve delas, deve ser sempre plural e aberta a várias interpretações. Quando isso não acontece, não estamos perante um acto comunicativo, mas, antes, subjugados a uma verborreia onde impera uma vacuidade de significados. O aqui se propõe não é um afastamento em relação à factualidade, mas sim um retorno necessário à pessoalização da comunicação, sendo para isso essencial que o jornalista não se assuma como uma entidade omnisciente. Ao deparar-se com um conteúdo jornalístico, o público deve ser estimulado para que retire as suas próprias conclusões. Assim sendo, o texto deve ser um reflexo plural, uma obra cubista que retrata uma determinada situação, comportando uma singularidade discursiva que lhe confira uma maior dimensão humana e, simultaneamente, menos pretensiosa.

⁶ Hamartia e Peripéteia são outros dois elementos constituintes da tragédia clássica e acabam por servir de mote para este capítulo, precisamente porque nele são identificados os principais erros do jornalismo contemporâneo. A peripécia consiste na consolidação do jornalismo como um meio de conhecimento e, ao longo das próximas, perceberemos se ele pode ou não ser encarado dessa forma.

⁷ Citado por Dorothy Nelkin, na sua obra *Selling Science: How the press covers science and technology*. 1985. Nova Iorque. W. H. Freeman & Co.

Outro dos erros ou das lacunas existentes no jornalismo actual é a instantaneidade em que os conteúdos são processados e publicados. Aparentemente, a capacidade de cobrir um grande número de acontecimentos, numa escala global e em tempo real, parece, à primeira vista, constituir um dos principais atributos do jornalismo contemporâneo. O problema é que este ritmo frenético serve, sobretudo, para evitar a latência na veiculação das informações, mas não pode dessa forma proporcionar aos jornalistas e garantir ao público uma produção conteudística mais criteriosa e ‘rendilhada’.

O jornalismo cai, assim, numa frequente busca pelo escândalo, por capas e títulos sensacionalistas, que pouco ou nada reflectem para além da necessidade de vender no imediato, ignorando e colocando de parte uma mais cuidada selecção e produção dos seus conteúdos. Alba Zaluar, antropóloga brasileira, refere-se a esta questão da seguinte forma:

“Se a divulgação rápida tem permitido informar o público e capacitá-lo para pensar a respeito do que acontece, muitas vezes tem se chegado perto da vulgarização que distorce a informação e confunde mais do que esclarece. (...) Elas [as notícias] vendem bem o veículo, quanto mais sensacionalistas e impactantes forem”. (ZALUAR, 1998: 247)

Torna-se essencial que sejamos capazes de perceber que veiculação de informação e produção de conhecimento não estabelecem uma relação de sinonímia. A título ilustrativo, a um professor não basta transmitir informações aos seus alunos, ele tem de reunir e combinar vários meios para que as suas mensagens se tornem mais memoráveis e, dessa forma, estimulem o processo cognitivo daqueles que escutam os seus ensinamentos. Este exemplo ajuda-nos a perceber que o jornalismo actual, embora muitas vezes seja encarado como um meio de conhecimento e não somente como um meio de comunicação, não pode, na verdade, aspirar a esse patamar. Nas redacções actuais já não é a *hora de fecho* que impera, mas, sim, a demanda pela imediatez, sendo assim retirada aos jornalistas o tempo necessário para um melhor apuramento linguístico, estilístico e intelectual das peças que produzem. Tomando as palavras de um autor já anteriormente referenciado, para Eduardo Meditsch (2002: pág, 20-21) o “conhecimento implica aperfeiçoamento pela crítica e requer rigor.” Segundo o mesmo e na presente linha de raciocínio, um dos principais perigos de encarar o jornalismo

como um produtor de conhecimento é a incapacidade que os jornalistas podem acusar para suportar tal expectativa. “Ao deixar de considerar-se o jornalismo apenas como um meio de comunicação para considerá-lo como um meio de conhecimento, estaria a ser dado um passo no sentido de aumentar a exigência sobre os seus conteúdos.” A peripécia consiste, assim sendo, em exigir uma função social a uma actividade cada vez mais automatizada e instantânea.

Exigir que o jornalismo funcione como um meio de conhecimento é, por consequência, exigir-lhe a intemporalidade, fazendo-o soltar-se das amarras de tudo aquilo que é momentâneo. Posto isto, o Jornalismo Literário assume-se, por ventura, como o caminho mais seguro para lograr isso mesmo, uma vez que confere a esta actividade a ‘sensualidade discursiva’ e a capacidade reflexiva necessária para a construção do conhecimento, obtido através de uma cuidadosa escolha da linguagem. Esta, por sua vez, possui, antes de qualquer outra coisa, musicalidade. Tal como define Felipe Pena (2006: 14), o Jornalismo Literário “não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia.” Para o mesmo autor, e indo de encontro ao que neste trabalho já foi mencionado, o ser humano está condenado a um permanente processo de significação, “estamos sempre a *empalavrar* o mundo. O que falta é valorizar a musicalidade.”

Posto isto, não basta sobrecarregar o público com novos conteúdos, não é tampouco necessário. A sociedade actual tornou-se indolente e é necessário que o jornalismo constitua uma ‘vacina’ contra esse mesmo adormecimento. Contanto, isso só pode ser logrado através de um certo retrocesso, que não significa nenhuma perda mas antes um ganho. Esse retrocesso consiste na reaproximação entre a literatura e o jornalismo. Durante demasiado tempo estiveram afastados. A emergência da publicidade como principal meio de subsistência dos jornais levou a que estes sacralizassem a objectividade, retirando aos jornalistas o seu *self* e tornando-os em instrumentos de precisão.

Haverá, no entanto, espaço para estas duas formas de representar a realidade. Se queremos um jornalismo capaz de acompanhar o ritmo frenético de todas as ocorrências, o jornalismo contemporâneo, alavancado pelas novas plataformas

comunicacionais, parece servir adequadamente esse propósito. Porém, quando dele esperamos um meio de conhecimento, aí o Jornalismo Literário assume-se como uma alternativa mais viável. O Jornalismo Literário não deve assim ser considerado um antagonista, mas antes um aliado para que os órgãos de comunicação social possam contribuir para uma melhor formação cívica e cultural.

Apesar disso, não tenhamos ilusões, livremo-nos dos erros e das peripécias com que nos deparamos quando julgamos que o discurso jornalístico não é intencional. A comunicação tem sempre por base um objectivo que parte, primeiramente, do seu emissor. Um discurso que tem como principal objectivo garantir a isenção, deve sempre ser encarado com precaução e relutância. O Jornalismo Literário assume-se assim como sendo intelectualmente mais honesto, pois, tal como explicava Walter Benjamin, em 1936, o narrador “é um dos principais instrumentos” para a manutenção da ordem social, o que naquela época significava garantir a hegemonia da classe burguesa (1996: 202). Para este filósofo alemão, o jornalista, tal como o historiador tenta fixar através dos seus escritos uma “imagem ‘eterna’ do passado”, reduzindo assim o leque de perspectivas que um determinado acontecimento pode suscitar na opinião pública. John Hellmann, a propósito do fenómeno do Novo Jornalismo americano, também se refere à questão do esbatimento da diversidade do real, assim como da percepção humana. “Quase por definição, o novo jornalismo é uma revolta do indivíduo contra as formas homogeneizadas da experiência, contra versões monolíticas da verdade” (1981: 8).

Pelo que foi explicitado ao longo deste capítulo o leitor extrairá as suas conclusões livremente, uma vez que estas palavras apenas pretendem potenciar a construção do seu conhecimento. Tal como no Jornalismo Literário, o objectivo destas palavras é ampliar o seu raio de visão, através da inclusão de perspectivas dissonantes, que podem até ir contra tudo aquilo em que o leitor, de antemão, acredita. O mundo é um emaranhado de significados, tal como este texto e tal como, evidentemente, o redactor deste texto. Somos assim capazes de perceber que ‘amputar’ ao jornalista o seu estilo e a sua identidade discursiva é, por conseguinte, toldar o carácter pessoal de que qualquer processo comunicacional deve partir; a comunicação deve englobar transmissão de conteúdos, mas também deve conter a expressividade necessária e capaz de despertar no leitor o interesse e o desejo em relação à mensagem que está a ser veiculada.

ANAGNÓRISIS⁸: RECONHECIMENTO DE UMA NECESSIDADE

O jornalismo atravessa uma crise, consequência também directa e inevitável da sua expansão para as novas plataformas digitais. Esta situação crítica não abarca apenas o jornalismo, pois os novos meios de comunicação vieram retirar à comunicação a pessoalidade que ela anteriormente possuía. Encetamos processos comunicativos a cada instante, mas, no entanto, não sabemos em muitos dos casos quem está do outro lado, quem se dirige a nós ou a quem nos dirigimos. No fundo, toda esta problemática se resume a uma falta de reconhecimento. Metaforicamente falando, o emissor e o receptor vivem actualmente numa ‘guerra fria’, num clima de desconfiança permanente que não impede, ainda assim, a interacção que o contrato social exige a cada cidadão.

Assim sendo, torna-se essencial que o jornalismo seja capaz de reconquistar a confiança das grandes massas e para que isso aconteça é necessário que estabeleça uma comunicação desprovida de processos automatizados e que, ao mesmo tempo, passe a valorizar a marca identitária de cada jornalista. O redactor não deve sentir-se desconfortável no momento de se expor perante aqueles que o lêem. Se no passado o público ansiava sobretudo por uma maior quantidade de conteúdos disponíveis, actualmente as suas pretensões são outras.

Espera-se do jornalismo sobretudo a capacidade de fornecer novos – e por novos não se deve entender apenas actuais – conteúdos, o que requer também novas formas que confirmam à comunicação jornalística um verdadeiro valor social. Para Nelson Werneck Sodré (1977), a partir da segunda metade do século XX iniciou-se então esse momento de crise no jornalismo, do qual ainda actualmente falamos.

“As transformações, que se aceleram extraordinariamente na segunda metade do século XX, são de alcance e profundidade muito maiores do que aquelas iniciadas nos fins do século XIX. Diz-se de qualquer fenómeno ou processo que atravessa uma crise quando as formas antigas já não satisfazem ou correspondem ao novo conteúdo, e vão sendo quebradas, sem que se tenham definido ainda plenamente as novas formas; as crises são, assim, próprias das fases de transição.” (SODRÉ, 1977: 449-450)

⁸ O termo Anagnórisis (em português: reconhecimento) serve de mote para este capítulo, uma vez que a reflexão nele contida espelha de facto a identificação e as alternativas viáveis para suprir algumas necessidades do jornalismo contemporâneo.

Chegados a este momento, a esta frase, é altura de revelar então o *ArteFacto* que este trabalho elogia, tal como é desde logo desvendado a partir da leitura do seu título. Esse termo acaba por sintetizar a própria essência do Jornalismo Literário, pois, a partir da sua análise, podemos compreender que estamos perante a recuperação de uma velha aliança, que durante o séc.XX, com a mercantilização do jornalismo, acabou por se quebrar. Até à década de 60 do século passado, a imprensa revelava-se “monopolista” e orientava o seu foco para a produção de conteúdos que permitissem ao jornais atingirem grandes tiragens, parafraseando Ciro Marcondes Filho (2001).

Essa aliança dicotómica entre a literatura e o jornalismo é agora restituída, não trazendo, no entanto, de volta os famosos *folhetins* do séc.XIX, onde autores como Balzac, Victor Hugo ou, em Portugal, Eça de Queirós encontraram espaço dentro das linhas editoriais das publicações da época. O Jornalismo Literário não tem assim como objectivo conferir aos escritores o espaço perdido no interior das redacções jornalísticas; não se restringe à simples concessão da crónica periódica ou de artigos de fundo que surgem pontualmente nos jornais actuais. O Jornalismo Literário assume-se como um género paralelo, que se define por conferir a cada jornalista a liberdade expressiva que leva a uma confluência entre a literatura e o jornalismo.

O Jornalismo Literário vem então trazer um novo *modus operandi* para a actividade jornalística. No fundo, trata-se de recuperar o gosto e o brio que devem sempre ser inerentes ao desempenho desta actividade. A escrita deixa assim de ser apenas um meio e passa a constituir uma finalidade, aprimorando a componente estética dos conteúdos. Não estamos a falar de representações ficcionadas de realidade, mas antes da aceitação de que a realidade é sempre uma ficção criada na mente de cada indivíduo. Os factos servem de base, como ingredientes de um bolo conjugados com rigor, mas sem nunca anular o toque pessoal que cada pasteleiro lhe confere e que torna o seu sabor único.

Saber e sabor. Duas palavras que hoje parecem ter significados tão distantes, mas unidas pela mesma raiz epistemológica. Saber provém do termo latino *sapere* e o mesmo acontece com a palavra sabor. O Jornalismo Literário procede, em última análise, a uma reaproximação entre estas duas palavras, dando origem a um conhecimento mais sensorial e, por isso, com a capacidade de perdurar durante mais tempo na mente

humana. Esta alteração dos processos jornalísticos verificou-se já com o fenómeno emergente do Novo Jornalismo, surgido a partir de 1960, onde a produção noticiosa passou a ser marcada por uma maior atenção relativamente ao uso da linguagem, incrementando a esta actividade uma maior riqueza ao nível do discurso, tal como exposto por Jorge Pedro Sousa:

“A construção cena por cena, o uso de diálogos na totalidade, o simbolismo de uma linguagem cuidada, as frases curtas, a introdução onomatopeias, a narração minuciosa, a caracterização das personagens das histórias e a descrição dos ambientes são domínios discursivos que alguns jornalistas começaram a explorar, bem dentro desse espírito da revisão estilística operada com o segundo movimento de Novo Jornalismo” (SOUSA, 2008: 70).

Por oposição, no jornalismo tradicional constata-se que os conteúdos são mais supérfluos, fruto do pouco tempo de que os jornalistas dispõem e usam na elaboração de cada um deles.

Frequentemente, o Jornalismo Literário ainda é tomado como um género jornalístico que se dedica à veiculação de textos meramente literários ou que se debruçam sobre obras literárias. É importante deixar bem claro que não é essa a sua função, sendo esse o raio de acção do jornalismo cultural. Para ilustrar melhor esta distinção, em Espanha, por exemplo, existe o denominado *periodismo de creación* e o *periodismo informativo de creación*. Através das palavras de Felipe Pena (2006: 13), podemos compreender melhor em que consiste cada um destes géneros. “O primeiro está vinculado a textos exclusivamente literários, apenas veiculados em jornais. Já o segundo une a finalidade informativa com uma estética narrativa apurada.” E é este último que ao longo destas páginas tem sido apresentado, sendo o primeiro caso – *periodismo de creación* – apenas um exemplo importante de como o jornal, enquanto formato, pode ser utilizado para finalidades que não sejam exclusivamente jornalísticas. Mas essa é outra história e terá de ficar para outra altura.

Ao sector jornalístico falta-lhe actualmente a capacidade para perceber que o público já só está disposto a pagar por conteúdos que realmente mereçam esse pequeno investimento; faltará também, por ventura, a capacidade de perceber as potencialidades

exclusivas do jornal impresso face à concorrência hipermediática. Carlos Alberto di Franco, doutorado em Comunicação pela Universidade de Navarra, num artigo intitulado *O Rapto do Jornalismo*⁹, escreveu o seguinte:

“O perceptível é que os jornais estão lentos para entender que o papel é um suporte que permite trabalhar em algo que a internet e a rede social não fazem adequadamente: a seleção de notícias, jornalismo de alta qualidade narrativa e literária. É para isso que o público está disposto a pagar.” (FRANCO, 2013)

Falta então ao jornalismo essa anagnórisse, esse reconhecimento de que é preciso “atiçar o leitor [tal como já foi exposto no capítulo *Ágon*] com matérias que rompam a monotonia do jornalismo de registo”, segundo palavras escritas pelo autor supramencionado nesse mesmo artigo. É necessário que os jornalistas readquiram uma postura activa perante a realidade, em detrimento da passividade com que recebem e reformulam informações que encontram dispersas no oceano cibernético. É necessário sair da “hipnose do ecrã” e sair para as ruas polvilhadas de boas histórias que esperam a arte de quem as saiba esbater na folha de papel.

Para o jornalista norte-americano Gay Talese, um dos maiores propulsores do Novo Jornalismo, citado num artigo intitulado *O Imã do Jornalismo*¹⁰, redigido também por Carlo Alberto di Franco, os novos meios tecnológicos fazem o trabalho de um jornalista parecer fácil, bastando consultar no *Google* as informações necessárias para a construção de uma peça jornalística rápida mas sem grande profundidade, pois “não se chocam accidentalmente com nada que os estimule a pensar ou a imaginar.” Mais uma vez, também Gay Talese reforça a importância das ruas e da proficuidade narrativa que elas permitem. “Às vezes, na nossa profissão, você não precisa fazer perguntas. Basta ir às ruas e olhar as pessoas. É aí que você descobre a vida como ela realmente é vivida.” Assim, faltará então somente ao jornalismo reaprender a caminhar, porque, afinal de contas, ainda existem caminhos possíveis e muitas páginas para escrever.

⁹ Artigo publicado *online* no jornal brasileiro *A Redação*, no dia 24 de Dezembro de 2013. Pode ser consultado através do seguinte link remissivo:
<http://www.aredacao.com.br/artigos/38293/o-rapto-do-jornalismo>

¹⁰ Artigo publicado *online* no jornal brasileiro *O Estado de S.Paulo* e disponibilizado online (<http://www.revistadigital.com.br/2012/10/o-ima-do-jornalismo/>) na publicação Revista Digital.

Acto III:

Êxodo

Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique.

Tudo o resto é publicidade.

George Orwell

KATASTROPHÉ¹¹: ANTÍDOTO PARA UMA MORTE ANUNCIADA

Ao longo deste projecto de graduação, o Jornalismo Literário foi apresentado como uma alternativa viável para recuperar o interesse do público em relação aos jornais, sendo que ele não pretende ocupar o lugar do jornalismo tradicional. Tal como foi exposto tratam-se, portanto, de dois géneros completamente distintos e que envolvem, consequentemente, também processos e rotinas diferenciadas. Por tudo aquilo que aqui foi dito, torna-se essencial perceber que o público contemporâneo já não procura a simples novidade dos conteúdos; ele procura também – e sobretudo – a novidade também ao nível da forma.

No fundo, este trabalho de investigação e exposição não pretende constituir tão-somente um elogio ao Jornalismo Literário, mas, acima de tudo, ser encarado como um manifesto contra a ‘petrificação’, tanto dos profissionais desta actividade como do próprio público. É necessário recuperar a força do discurso, através do qual o ser humano expande o seu campo de conhecimento e de experiência. Estamos assim a falar de uma comunicação mais pungente e mais profunda, capaz de aliar a capacidade descriptiva característica do jornalismo com a contemplação que a literatura lhe pode acrescentar.

A passividade é, *per se*, uma catástrofe, que mergulha o Homem numa total postura de resignação face a tudo aquilo que vivencia ou de que toma conhecimento. Perante isto, o jornalista tem de ser capaz de seduzir o público com os meios de que dispõe. O meio é a palavra. Muitos de nós recordamo-nos facilmente de um plano célebre de um filme ou da letra da nossa música favorita. No entanto, teremos a mesma facilidade em nos lembrarmos da primeira frase de um livro? Já não será tão simples assim. Para que uma frase nos fique na memória, o seu redactor tem de saber ‘jogar’ com a melodia das próprias palavras, tem de recorrer a artifícios que tornem aquele acto enunciativo mais exuberante. As palavras são então o meio e a linguagem é uma das finalidades de quem redige, não devendo ainda assim o jornalismo criar sofismas através do seu uso.

¹¹ Este primeiro capítulo do terceiro acto, que serve de conclusão, como um desenlace para as ideias que foram sendo propostas, recebe o nome de Katastrophé (catástrofe), não constituindo uma aceitação da mesma, mas antes um antídoto para contornar essa situação.

KATHARSIS¹²: PURIFICAÇÃO DO SUJEITO ENUNCIADOR

As propostas e as perspectivas que aqui foram sendo apresentadas pretendem sobretudo conferir uma maior liberdade estilística aos jornalistas, uma vez que actualmente existe pouco espaço no interior das redacções para esse atributo que deve sempre ser valorizado no desempenho desta actividade. É necessário produzir conteúdos que sejam prazerosos e que tenham a capacidade de inspirar o público. Para os próprios alunos de jornalismo ou de comunicação, faltam conteúdos no jornalismo de imprensa que lhes despertem o desejo e o interesse pelos jornais e pela actividade redactorial. Em suma, revela-se essencial recuperar algum do romantismo perdido desta profissão.

É necessário que o jornalista sinta a sua individualidade respeitada, sem no entanto beliscar a seriedade que o desempenho da sua profissão lhe exige. Qualquer acto comunicacional implica também a exploração do domínio sensorial do receptor. Assim sendo, e tal como ao longo deste projecto foi explicitado, é fulcral que as mensagens jornalísticas tenham a capacidade de tornar o público uma parte integrante e activa das narrativas com base factual que lhe são apresentadas.

Exercer a actividade jornalística é possibilitar a manutenção de alguns dos direitos sobre os quais assentam as sociedades livres e democráticas, fomentando o debate, reduzindo a discrepância histórica entre classes sociais e, acima de tudo, assegurando o respeito pela pluralidade. No entanto, todas estas premissas devem também ser asseguradas ao jornalista, pois caso isso não se verifique estaremos perante uma ditadura autista por partes das redacções, que é toldada pelos manuais de estilo.

No fundo, cada jornalista deve ser capaz de encontrar dentro de si o seu próprio manual de estilo, não colocando de parte os códigos deontológicos que devem pautar o bom desempenho desta actividade. É necessário abrir as janelas das redacções para que novas luzes possam entrar e para que o campo de visão dos jornalistas não seja reduzido por cortinas antigas e a literatura, sabe-se, sempre constituiu um catalisador de novas perspectivas, amplificando horizontes muitas vezes ocultos ou ignorados pelos olhos acostumados à “espuma dos dias” e das rotinas enraizadas.

¹² Este capítulo intitula-se *Katársis* por compactar algumas das ideias que ao longo deste projecto foram sendo expostas e que visam uma purificação da actividade jornalística através da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, Eduardo. (2006). **Livro-reportagem**. São Paulo, Contexto.
- BARTHES, Roland. (2004). **A Morte do Autor** [Texto publicado em: *O Rumor da Língua*]. São Paulo.
- BENJAMIN, Walter. (1996). **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. São Paulo, Brasiliense, 10^a edição.
- COSTA, Cristiane. (2005). **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904 – 2004**. São Paulo, Companhia das Letras.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. (2010). **Dossiê – Perversão** (In: REVISTA CULT. ed. 144. [Em linha] Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/dossie-perversao/>>.
- FRANCO, Carlos Alberto. (2013). [Em linha] Artigo disponível em: <http://www.aredacao.com.br/artigos/38293/o-rapto-do-jornalismo> [Consultado em 22 de Junho de 2014]
- GONZÁLEZ, García. (1999). **La conformación de la moderna prensa informativa (1848-1914)**, in GÓMEZ MOMPART, J.L e MARÍN OTTO, E. Historia del Periodismo Universal. Madrid, Síntesis.
- GRIMALDI, W. A. (1980). **Aristotle, Rethoric I – A Commentary**. [Em linha] Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/89585759/William-M-a-Grimaldi-Aristotle-Rhetoric-I-a-Commentary-Fordham-University-Press-1980>
- HELLMANN, John. (1981). **Fables of Fact: The New Journalism as New Fiction**. University of Illinois Press.

LIMA, Luiz Costa. (2006). **História. Ficção. Literatura.** São Paulo, Companhia das Letras.

MAILER, Norman. (1968). **Os exércitos da Noite (Os Degraus do Pentágono).** Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Record.

MEDITSCH, Eduardo. (2002). **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Media & Jornalismo.

MILLÁS, Juan José. (2000). **Escribir.** Articuento publicado no jornal *El País*, a 3 de Novembro. [Em linha] Disponível em:

http://elpais.com/diario/2000/11/03/ultima/973206002_850215.html

MILLÁS, Juan José. (2011). Reportagem com algumas passagens do autor, publicada no jornal *Diario Córdoba*. [Em linha] Artigo disponível em:

http://www.diariocordoba.com/noticias/cultura/millas-escribir-articuento-es-acto-fontaneria-verbal_679353.html [Consultado em 16 de Junho de 2014]

MINC, Alain. (1994). **A nova Idade Média.** São Paulo, Ática.

NELKIN, Dorothy. (1985). **Selling Science: How the press covers science and technology.** Nova Iorque, W. H. Freeman & Co.

NICOLATO, Roberto. (2006). **Jornalismo e Literatura: modos de dizer.** [Em linha] Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1028-1.pdf>

PENA, Felipe. (2006). **Jornalismo literário.** São Paulo, Contexto.

WOLFE, Tom. (2005). **Radical chique e o novo jornalismo.** São Paulo, Companhia das Letras.

TALESE, Gay. (2012). O Imã do Jornalismo. [Em linha] Artigo disponível em: <http://www.revistadigital.com.br/2012/10/o-ima-do-jornalismo/> [Consultado em 23 de Junho de 2014]

SODRÉ, Nelson Werneck. (1977). **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal.

SOUSA, Jorge Pedro. (2008). **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa, Perspectivas Luso Brasileiras**. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.

ZALUAR, Alba. (1998). **Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil**. In: NOVAIS, Fernando (coord. geral) e SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). História da vida privada no Brasil – v. 4. São Paulo: Companhia das Letras. p. 245-318.

ANEXOS

ANEXO A

Escribir¹³

"13.15. Todos los tripulantes de los compartimientos sexto, séptimo y octavo pasaron al noveno. Hay 23 personas aquí. Tomamos esta decisión como consecuencia del accidente. Ninguno de nosotros puede subir a la superficie. Escribo a ciegas". Estas palabras, escritas por un oficial del *Kursk* en un pedazo de papel, tienen la turbadora exactitud que pedimos a un texto literario. El autor está rodeado de bocas que exhalan un pánico que ni siquiera nombra. Él mismo debe de encontrarse al borde de la desesperación, pero no tiene tiempo ni papel para recrearse en la suerte. Ha de hacer, pues, una selección rigurosa de los materiales narrativos, y el resultado es esa obra maestra en la que, sin embargo, sólo cuenta aquello a lo que se puede asignar un número: la hora y la cantidad de hombres. En situaciones extremas, la literatura sale a presión, como por la grieta de una tubería reventada. El documento del oficial del *Kursk* es bueno porque es necesario. Mientras la muerte trepaba por sus piernas, ese hombre se entregó con fría vehemencia a la literatura. Y de qué modo. Naturalmente, lo que no dice ocupa más de lo que dice, pero lo ausente ha de aportarlo el lector, que es tan responsable de lo que lee como el escritor de lo que escribe. Sería absurdo comenzar una novela afirmando de un frutero que es bípedo. El lector tiene la obligación de saber que los fruteros son bípedos y que están dotados de cuatro extremidades con cinco dedos en cada una de ellas. Sin estos sobreentendidos primordiales, la escritura resultaría imposible.

Lo curioso es que un billete con cuatro líneas aparecido en el bolsillo de un cadáver responda de súbito a la vieja pregunta de para qué sirve la literatura. Sirve para contarla. Todos aquellos que aspiran a escribir deberían recitar el texto del *Kursk* como una oración. Ser escritor, al menos cierto tipo de escritor, significa vivir rodeado de pánico percibiendo a tu alrededor bultos que pasan de un compartimiento a otro con los calcetines mojados. Y tú eres uno de esos bultos: aquel que, por encima o por debajo del

¹³ Articuento de Juan José Millás, publicado no jornal El País, a 3 de Novembro de 2000. [Em linha] Disponível em: http://elpais.com/diario/2000/11/03/ultima/973206002_850215.html

miedo, está poseído por la necesidad de contarla, aunque las posibilidades de que alguien lo lea sean muy escasas. Escribo a ciegas.